AMPLIA-SE O CENTRO PRIVADO DE INTELIGÊNCIA DA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA

ROBERTO RODRIGUES
COORDENADOR DO CENTRO DE AGRONEGÓCIO DA FGV (GV AGRO)
POR PAULO ROQUE

O Think Tank do Agronegócio, a mais nova iniciativa da Fundação Getulio Vargas (FGV), tem como proposta central a constituição de um núcleo permanente de estudos direcionados para a agenda das cadeias produtivas do setor. Roberto Rodrigues explica que o projeto espera, também, promover debates em torno de questões-chave para o desenvolvimento do agronegócio. Sua atuação abrange as dimensões nacionais e internacionais a partir das seguintes áreas de especialização: comércio internacional e agronegócio do Brasil; Amazônia – propostas para exploração agrícola sustentável; matriz energética e recursos hídricos; e modelos de desenvolvimento sustentado das cadeias produtivas. Dois grupos de estudos já estão atuando: um sobre comércio internacional com ênfase nas relações com a China; e um sobre desenvolvimento de agricultura sustentável com foco na Amazônia.



AGROANALYSIS: O QUE É O PROJETO THINK TANK DO AGRONEGÓCIO?

ROBERTO RODRIGUES: A FGV é, por si só, um grande *think tank*, com diversas áreas geradoras de ideias, projetos e propostas, inclusive assessorias técnicas, tanto para o setor público, quanto para o privado. O Think Tank do Agronegócio é resultado dessa ampla visão. Pretendemos transformá-lo naquilo que costumamos chamar de um chapéu pensador do agronegócio brasileiro: um centro de inteligência para promovermos estudos e debates, de modo a formar opinião e orientar decisões sobre os caminhos a serem seguidos pelos diferentes atores do setor; seremos um permanente fomentador de reflexões e soluções para os problemas existentes e passíveis de ocorrer no futuro, voltado para o desenvolvimento sustentável do País.

COMO SURGIU ESSA IDEIA?

RR: A FGV participa das discussões no âmbito da OCDE (Organização de Cooperação para o Desenvolvimento Econômico), que é um *think tank* financiado pelos quarenta países mais ricos do mundo para a realização de estudos sobre a economia de uma maneira geral. Temos participado das suas reuniões. O objetivo não é fazer propostas, mas sim levantar temas e realizar um grande debate e, com isso, iluminar setores de determinadas áreas da economia que, por ventura e qualquer razão, estejam obscurecidos. O resultado é que o segmento analisado pela OCDE transforma-se num palco iluminado, onde os atores movimentam-se e avançam em relação a projetos e propostas de desenvolvimento setorial. Inspirados nesse *modus operandi*, levamos ao presidente da FGV, o professor Carlos Ivan Simonsen Leal, a ideia de um *think tank* do agronegócio. Foi muito interessante, porque a proposta veio de encontro ao seu plano em discussão junto à cúpula da Fundação. Com o seu apoio e o da sua equipe, conseguimos avançar nessa direção.

EXISTEM ALGUMAS INICIATIVAS PARALELAS NO PAÍS?

RR: Existem, sim. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) possui uma área chamada Agropensa que trabalha com temas semelhantes, estudos e projetos voltados para o agronegócio, sendo um órgão público. A Frente Parlamentar da Agropecuária também tem um *think tank*, o Instituto Pensar Agropecuária (IPA), bancado por instituições ligadas ao agronegócio no Brasil para formular propostas para os parlamentares desenvolverem. É uma iniciativa na área parlamentar. O *think tank* da FGV é uma complementação destes dois extraordinários movimentos iniciados nas diferentes áreas do poder do Brasil, mas do lado agro privado.

É bom lembrar que, recentemente, dois grandes técnicos brasileiros, André Pessôa, da AGROCONSULT, e Marcos Jank, do ICONE, haviam iniciado uma plataforma somando os trabalhos da AGROCONSULT e do ICONE para um *think tank* de natureza privada também. Mas, com a ida do Marcos Jank para a BRF, essa possibilidade ficou frustrada e o assunto desapareceu. Entretanto, o *think tank* da FGV, de certa forma, substitui aquele projeto inicial que havia sido imaginado por estes profissionais.

ESSA É A PROPOSTA: UM PERMANENTE FOMENTADOR DAS DISCUSSÕES... UM GRANDE CHAPÉU PENSADOR.

COMO PARTICIPAR DESSE PROJETO?

RR: Nossa ideia é levantar temas de interesse do agronegócio e do País, que seriam entregues a técnicos competentes, reconhecidos em suas áreas. Eles construiriam equipes para desenvolver estudos a respeito de temas específicos e promover os debates. Quem estiver interessado em um dos temas passa a participar das discussões. Pessoas com formação acadêmica e interesse na discussão podem participar aproximando-se do coordenador de cada um dos estudos a serem desenvolvidos.

HÁ ALGUM TEMA PRIORITÁRIO A SER EXPLORADO?

RR: Hoje, os problemas são tantos no agronegócio que poderíamos elencar vinte temas diferentes, mas estamos preocupados com algumas questões ligadas à renda e à sustentabilidade do setor produtivo, bem como à competitividade do agronegócio brasileiro para o futuro.

Desenvolvemos, inicialmente, dois grandes temas. O primeiro, ligado à competitividade, foi desenvolvido tendo em vista a tendência de mudança do eixo econômico do mundo para a Ásia, com ênfase para a China. Analisaremos a representatividade deste país para o Brasil e o seu agronegócio nas próximas décadas. Qual horizonte de tempo deveremos imaginar? Esse grande cenário será estudado sob a coordenação do embaixador Clodoaldo Hugueney, embaixador na China durante cinco anos. Ele foi o grande responsável, no passado, aqui no Brasil, pelas negociações da Rodada de Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC). É um conhecedor profundo das regras de comércio internacional e da realidade chinesa. Vamos, por meio deste estudo, muito possivelmente, encontrar as oportunidades e os desafios para o Brasil aproveitar e trilhar a sua participação no panorama chinês, de consumo sobretudo. Isso deverá abrir ao setor privado uma série de decisões e iniciativas que permitam aproveitar os estudos aqui desenvolvidos.

Um segundo tema, de muita preocupação, é o da sustentabilidade do agronegócio. O Brasil tem feito uma agricultura sustentável, e os números provam isso. Nos últimos 25 anos, a área plantada com grãos cresceu 50% e a produção cresceu 234% com tecnologias preservacionistas. Se não fosse isso, para colher a safra deste ano, teríamos a produtividade de cinco anos atrás e precisaríamos de mais 70 milhões de hectares. Preservamos 70 milhões de hectares com tecnologia. Mas, isso não é o suficiente; é preciso fazer muito mais.

E, nesse tema da sustentabilidade no Brasil, há um capítulo extremamente complexo e relevante sobre a área desmatada na região da Amazônia. Alguns estudos indicam a existência de 60 milhões de hectares já desmatados e, de alguma forma, degradados. Então, estudaremos com rigor científico essas questões para encontrarmos, eventualmente, alternativas para aproveitarmos essa área. Para aproveitarmos de forma positiva essa área desmatada na Amazônia, caberão políticas públicas específicas e investimentos privados para gerar um bom retorno aos investidores, ao País e, sobretudo, à região em questão.

> “ESTAMOS PREOCUPADOS COM ALGUMAS QUESTÕES LIGADAS À RENDA E À SUSTENTABILIDADE DO SETOR PRODUTIVO, BEM COMO À COMPETITIVIDADE DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO PARA O FUTURO.”

EM TERMOS DE RECURSOS, QUAL É A PREVISÃO?

RR: A direção da FGV colocou um *seed money,* um recurso inicial, para o Think Tank do Agronegócio começar a rodar, mas a meta é cada projeto gerar o seu próprio orçamento. Não existe um valor fixo para cada um deles, mas sim uma proposta a ser oferecida aos diversos agentes econômicos do País com interesse em atuar na área em estudo.

COMO SERÁ A SUA GOVERNANÇA?

RR: Trata-se de um projeto ainda embrionário. Começaremos com apenas dois estudos já contratados, o da Amazônia e o da China. A governança será bem profissional, mas ainda bastante singela e enxuta. Tocaremos o Think Tank a partir do próprio GV Agro. Quem irá gerenciá-lo em sua plenitude será o professor Luiz Carlos Guedes Pinto, um homem com uma ampla visão dos diversos temas que envolvem a competitividade do agronegócio brasileiro.